

OS SENTIDOS DA PRÁTICA NO DISCURSO DE ALUNOS EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA UFPel

KARINE SEFRIN SPERONI¹; ALINE LEMMKE; MARIA MANUELA ALVES GARCIA

¹UFPel, UFSM – kakasperoni@gmail.com

²UFPel – alinelemke@gmail.com

³UFPel – garciamariamauela@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As discussões emergentes após os anos noventa vêm sendo recorrentes ao apontar fragilidades na formação de professores (TARDIF, 2000), especialmente em nosso país (PIMENTA, 2011, GATTI, 2011). Frente a esse cenário, as questões relacionadas à teoria e prática, que não são recentes, representam problemas na estruturação curricular dos cursos de licenciatura – ainda mais após a institucionalização das diretrizes que estabelecem nos currículos aumento da carga horária da prática nos cursos de licenciatura, especialmente o Parecer do CNE/CP 009/2001, de 8.05.2001, a Resolução CNE/CP 1, de 18.02.2002 e Resolução do CNE/CP 2, 19.02.2002 (GARCIA, 2010). Em face dessas questões suscitadas pela estruturação e recontextualização das referidas diretrizes, o presente trabalho objetiva problematizar a noção da prática no discurso de alunos concluintes dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), apoiando-se em excertos dos dados resultantes da pesquisa que foi desenvolvida pelo Grupo de Estudos Sobre Docência e Educação Básica (GEDEB), que intitula-se “Teoria e prática na formação de professores: impactos da reforma em currículos de licenciatura da UFPel”.

Essa pesquisa teve por objetivo investigar e problematizar os efeitos da reforma curricular dos cursos de licenciatura – Artes Visuais, Educação Física, Matemática e Ciências Sociais – especialmente com ampliação da carga horária de prática no currículo de formação inicial de futuros professores. Tal investigação teve como materialidade os documentos oficiais antes descritos, as entrevistas realizadas com professores e coordenadores dos cursos e os grupos focais desenvolvidos com os alunos concluintes desses cursos no ano de 2010.

Nesse sentido, busca-se realizar um recorte desses dados, com ênfase nas entrevistas realizadas com os discentes desses cursos. Portanto, problematiza-se, neste trabalho, a seguinte questão: quais os sentidos que esses alunos concluintes atribuíam à prática quando questionados a avaliar as experiências que tinham vivido no contexto da disciplina de Estágio Supervisionado e dos currículos reformados? Como fundamento teórico-metodológico emprega-se a noção de discurso provinda dos estudos foucaultianos para análise e problematização dos enunciados encontrados pela pesquisa desenvolvida pelo GEDEB.

2. METODOLOGIA

Como aporte teórico-metodológico utiliza-se do conceito de discurso desenvolvido pelos estudos de Michel Foucault, especialmente os provenientes

da obra “A ordem do Discurso”, aula inaugural do Collège de France, proferida pelo referido autor em 02 de dezembro de 1970. Para trabalhar com a noção de discurso em Michel Foucault e utilizá-la como ferramenta analítica é necessário deixar aparecer a complexidade que é peculiar ao discurso, atentando aos enunciados e relações que o discurso “põe em funcionamento” (FISCHER, 2001, p.198). Desse modo, buscam-se destacar os enunciados sobre a prática, provenientes da materialidade da pesquisa desenvolvida pelo GEDEB, especialmente as entrevistas que foram realizadas na modalidade de grupo focal com alunos concluintes, em 2010, dos seguintes cursos de licenciatura da UFPel: Licenciatura em Educação Física, em que participaram aproximadamente trinta alunos; Matemática, participaram aproximadamente seis alunos; Ciências Sociais, com a participação de doze alunos; e Artes Visuais, com aproximadamente dezessete alunos. A análise dos dados buscou explorar dois tópicos relativos à prática que os alunos trataram em suas falas, quando levados a avaliar suas experiências no curso e na disciplina de Estágio Supervisionado: 1) a prática dos alunos como docentes, tanto diante dos colegas de curso, quanto na regência de classe no estágio curricular e 2) a prática do professor que os acompanhava na realização da disciplina de Estágio Supervisionado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A recontextualização das diretrizes, no contexto dos cursos da UFPel, aponta movimento de mudança nos currículos. No entanto, em âmbito geral, o acréscimo da prática como componente curricular pode vir a funcionar como um dispositivo que desencadeia o aprisionamento da noção de prática e teoria. Nesse contexto, o aumento da carga horária da prática, como componente curricular, tal qual prevê a legislação – e como analisa a pesquisa realizada pelo GEDEB –, pode estar produzindo efeitos específicos. Emerge uma nova forma de profissionalismo docente ancorada no pragmatismo e sob o prisma de uma abordagem formativa reducionista centrada no desenvolvimento de competências e habilidades docentes que identificam o educativo à gestão do processo instrucional e o submete às leis do mercado (GARCIA et al, 2013). Os discursos que emergem das materialidades dos textos legais paradoxalmente propõem uma nova leitura sobre a prática como componente curricular, mas ao mesmo tempo estabelecem e reforçam polarizações cujo interesse seria o oposto (GARCIA et al, 2013).

Desenvolvendo um breve resgate sobre os resultados apresentados pela pesquisa, inicia-se a exposição dos enunciados observados nas falas dos alunos concluintes dos cursos de licenciatura investigados. A prática é entendida pelos alunos quase que exclusivamente à situação de regência de classe. Ou seja, a prática reivindicada pelos alunos entrevistados é prática de ensino. Outras formas de prática, como entre colegas (pares), nem sempre são tomadas como formas de experiência sensível. É importante ressaltar o modo queixoso como os alunos falam sobre o acompanhamento do estágio supervisionado, quando se referem à prática de supervisão que foram sujeitados durante o período em que realizaram a regência de classe. Há outras questões que podem ser percebidas nos discursos dos alunos sobre a prática ou sobre como se sentem preparados para o exercício da docência. Parece que, muitas vezes, não importa o que tenha sido realizado no contexto da formação, os alunos sentem-se desamparados em relação ao que deve ser decidido e pensado acerca da atuação, tendo o

sentimento de que, de qualquer modo, não estão preparados para o exercício da docência. Esperam, assim, a receita que lhes indique o que deve ser feito.

Outro fator a ser destacado diz respeito à preocupação com o domínio de conteúdo das disciplinas que os acadêmicos ministram no campo de estágio. Pode-se observar a força da tradição relacionada a uma noção de ensino voltada ao desenvolvimento de conteúdos programados, tão presente nos currículos escolares e que também se traduz no Ensino Superior – são os imperativos da cultura disciplinar conteudista.

É relevante pontuar, na análise desses enunciados, a noção de profissionalização docente e a desvalorização da categoria de professores. Nesses discursos, há o aparecimento de determinadas forças que agem e se interatuam nos processos de formação desses acadêmicos, apontando para leitura dos principais dilemas vivenciados pelos professores na contemporaneidade. Frente a esses dados destaca-se o sentimento de não autoria da prática pedagógica. Em outras palavras, há aspectos na teia discursiva que remetem a um deslocamento da noção de profissional para posição de receptor e não de agente reflexivo em seu processo de formação. Nesse sentido, pode-se observar nessas teias que o aluno do curso se vê apenas como aluno receptor e fruto da avaliação do professor/supervisor.

Nas falas dos alunos encontramos discursos que apontam a elementos binários como, por exemplo, a expectativa de que sua prática pedagógica seja avaliada, pelo professor ou supervisor de estágio, como certa ou errada. Isso denota o distanciamento dos alunos de pensar sua própria prática com relação aos preceitos teóricos que subsidiam seu processo formativo. Nesse âmbito, o estágio deixa de ser pensado como lugar de dúvida, de questionamento, de oportunidade de levantar novos desafios à escola, a si próprio como sujeito em formação e ao próprio currículo de formação. O Estágio Supervisionado e a prática de regência de classe, que nesse contexto acontece de forma obrigatória, ainda são vistos pelos alunos como verificação do que eles aprenderam ao longo do curso, como momento de teste, de colocar à prova as teorias e os conteúdos que aprenderam no percurso da formação, reiterando a dicotomia entre teoria e prática.

Este estudo indica que os componentes do Estágio Supervisionado e da Prática como Componente Curricular, instituídos pela legislação, respectivamente cada um com 400 h, não alteraram substantivamente, nos novos currículos da UFPel, o padrão tradicional que vinha caracterizando os estágios e a Prática de Ensino no período anterior à reforma. Embora os alunos reconheçam as vantagens que esses componentes oferecem para uma inserção mais precoce com e na realidade escolar, pois sua oferta dá-se, em geral, a partir do 5º semestre, eles vêm apresentando dificuldades em encontrar nas ferramentas teóricas subsídios para repensar seu campo de atuação no contexto da Educação Básica, em face das questões antes apresentadas.

4. CONCLUSÕES

A análise dos enunciados discursivos possibilita refletir que os sentidos dados à prática como componente curricular caracterizam-se por um certo afastamento em relação à teoria e pelo reforço da prática pela prática. Os sentidos atribuídos pelos alunos à prática versam por um paradoxal afastamento e aproximação a uma noção de currículo disciplinar e de prática como receita. Nesse sentido, as entrevistas nos possibilitam refletir que há forças antagônicas

que se interpenetram e interatuam na formação dos alunos concluintes e que produzem efeitos de distanciamento entre teoria e prática na experiência do estágio. Concluindo, os sentidos atribuídos à prática pelos alunos vão ao encontro de uma racionalidade/lógica instituída que parece estar inscrita tanto nos textos da legislação curricular oficial como nos próprios currículos investigados. A despeito das mudanças propostas pela reforma, fazem-se presentes ainda nos currículos os efeitos da forte tradição disciplinar, do distanciamento da prática, especialmente em decorrência da ausência de um projeto mais orgânico de integração dos cursos de licenciatura com os sistemas de ensino básico, e do mesmo modo o esvaziamento da teoria, que vem funcionando de forma descontextualizada e fragmentada à atuação do futuro profissional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, npo. 1ve9m7-b2r2o3/,2 n0o0v1embro/ 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola. 20ª edição, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 10ª Ed. São Paulo, Cortez, 2011.

GATTI, Bernardete Angelino; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Maria Elisa Dalmazo de Afonso. Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte. Brasília,

GARCIA, Maria Manuela Alves. Textos e contextos na reforma das licenciaturas: o caso da UFPEL. **Educação & Realidade**, nº 35 (2), maio/ago, p. 229-252, 2010.

GARCIA, Maria Manuela Alves; FONSECA, Márcia Sousa da; LEITE, Vanessa Caldeira. Teoria e prática na formação de professores: a prática como Tecnologia do Eu Docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.29, n.03, p.233-264, set. 2013.